

# TELENOVELA — A OITAVA

O jornalista e escritor Luiz Fernando Emediato apresenta uma visão crítica e desapaixonada da telenovela, encarada a sua aceitação como um fenômeno que corresponde à irreprimível solicitação popular. Há boas e más telenovelas, como existem bons e más livros — é a conclusão do trabalho, depois de amplo levantamento em que foram ouvidas dezenas de autores e estudiosos de opiniões opostas, entre os quais os que consideram esse gênero um instrumento de alienação do povo.

**Luiz Fernando Emediato**

A melhor definição para os personagens de telenovela — e para a própria telenovela, enfim — foi dada ainda em 1970 pelo primeiro autor deste gênero, Walter George Durst: “Os personagens de telenovela — disse ele então — são como as peças de xadrez. Podem ocupar todos os lugares. Mas o jogo não muda”. Citando o teatrólogo Abílio Pereira de Almeida, ele afirmava também que “a telenovela precisa ser um pouco debilóide”, do contrário poucos ligariam um aparelho de TV, para acompanhá-la.

Desde 1963, data de produção da primeira telenovela, até hoje, quando o gênero já completa quase 20 anos e dezenas delas já foram exportadas para 52 países, a ponto de se terem tornado um produto (artístico?) genuinamente brasileiro, as telenovelas passaram por várias mudanças de forma e conteúdo. Seus ingredientes — peças — entretanto, continuaram — como no xadrez — exatamente os mesmos.

A oitava arte, apesar disso? Uma criação pseudo-artística que, no entanto, adquiriu estilo próprio, depois de libertar-se da então consagrada fórmula mexicana, da qual se originou, na década de 60? O verdadeiro ópio do povo, mais sagrado que a própria religião, ao monopolizar cora-

ções e mentes de 30 milhões de espectadores (principalmente donas-de-casa e seus filhos) em todo o Brasil e até fora dele?

A telenovela é jovem ainda — e provoca as mais variadas polêmicas. Poucos anos atrás, nenhum intelectual se dispunha sequer a discuti-la. Hoje eles já o fazem — embora sem chegar a um acordo. Um fato, entretanto, ninguém ousa negar: a telenovela existe, influencia a vida de milhares de pessoas e faz parte, inevitavelmente, de um complexo contexto social.

## Da extravagante rainha louca ao anti-herói e “bicão” Beto Rockefeller

A telenovela nasceu em 1963, na TV Excelsior, e seu primeiro sucesso foi um original de Ivani Ribeiro, que vinha das soap-opera radiofônicas. O sucesso desse texto, **A Moça que Veio de Longe**, chamou a atenção dos fabricantes de sabonete e dentifricio, que até então investiam fabulosas verbas publicitárias quase só no rádio, sem acreditar que as donas-de-casa — envolvidas nos seus afazeres — pudessem parar, diariamente, durante meia hora ou mais, diante do aparelho de TV.

Foi nessa época que Walter George Durst começou a trabalhar na Colgate, adaptando para o português textos melodramáticos importados do México, como **No hace falta quererte**, que estreou na TV brasileira com o título de **O Sorriso de Helena**. A primeira fase das telenovelas brasileiras foi a fase dos “novelões” mexicanos, traduzidos e esticados, para durar seis meses, um ano e até dois, como foi o caso de **Redenção**, com o galã Francisco Cuoco.

Os primeiros originais brasileiros contavam aventuras de imigrantes — como o português Antônio Maria ou o italiano Nino — e as histórias quase sempre eram de puro amor e fantasia, embora sem os exageros de **O Direito de Nascer**, o primeiro grande sucesso, realmente, da televisão brasileira, depois de uma fantástica carreira no rádio. Com a criação da TV Globo, em 1965, começou — e durou até 1969 — o império da exilada cubana Glória Magadan, que supervisionava o escritório publicitário de uma fábrica de sabonetes em Miami e veio para o Brasil exclusivamente para escrever telenovelas.

Conservadora, admiradora das histórias de capa e espada, Magadan invadiu os vídeos brasileiros com aventuras de rainhas loucas, “sheiks” da Arábia, ciganos, reis da Espanha, histórias absurdas e fantásticas, ambientadas em épocas distantes. As pesquisas dos departamentos de marketing das redes de televisão descobriam que o público queria sonhar e não ver a realidade na qual estava inserido. Com base nesta descoberta, produziam-se os mais desvairados sonhos. Pouco a pouco, porém, apareciam os autores brasileiros, sugerindo temas mais reais e atuais. Em 1969 — derrotada por esses autores — Glória Magadan escreveu seu último texto e deixou a TV Globo para sempre.

**Imaginação: Janete Clair elimina com um terremoto excesso de personagens. É o começo de um império.**

Começava — aos tropeços — uma nova fase da telenovela brasileira. **Anastácia**, um texto nacional, de Emiliano Queiroz, tinha tantos personagens e tantas tramas paralelas que, a certa altura, o próprio autor não sabia mais como chegar ao fim. Pediram socorro a Janete Clair, que ainda escrevia radionovelas — as soap-opera — e ela, revelando excepcional desenvoltura, solucionou o problema com um terremoto no qual morreram 35 personagens. Com os sobreviventes ela recomeçou uma nova história — e aí começa também o império de Janete Clair, a sucessora de Glória Magadan.

Uma telenovela de Janete Clair é garantia certa de suspiros, gritos de ódio, beijos, aventuras, suspense e muito dinheiro para as caixas registradoras da rede de TV e seus anunciantes. Apolítica, distante das questões sociais, e admitindo francamente que o que deseja é apenas fazer o povo sonhar, Janete Clair possui um talento intuitivo para a trama, além de uma disposição extraordinária para ignorar a própria lógica em suas histórias alucinadas.

“Não gosto de política, não faço política. Mas trato de temas atuais, e isto, a meu ver, não tem nada a ver com alienação”, diz ela, defendendo-se dos que, como o crítico Telmo Martino, afirmam que em suas novelas “nem as crianças riem”. É verdade que, ao contrário do que acontece nas telenovelas de seu marido, o também teatrólogo Dias Gomes, nos textos de Janete Clair quase não há

lugar para o humor. Suas histórias são trágicas — mas com final feliz. Pois, como afirma outra autora, Ivani Ribeiro, “não se pode fazer o telespectador sofrer um ano inteiro e frustrá-lo no fim, absolvendo quem errou ou não premiando quem, sendo bom, sofreu”.

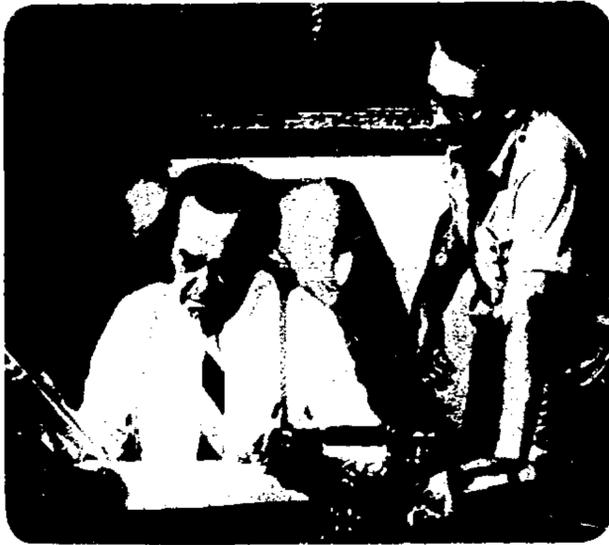
Na maioria dos casos as fórmulas das telenovelas podem ser resumidas assim: um tema folhetinesco, com aparência — e só aparência — de coisa real, frases simples, uso de gírias, suspense, um grande vilão e um grupo de vilõezinhos, um mocinho que adora a mocinha, vários casos de amor entrelaçados, desgraças, uma paternidade ignorada — um filho buscando o pai ou a mãe — e, no fim de tudo, um happy end: o final feliz para compensar meses de sofrimento.

Alguns teatrólogos que passaram a escrever para a televisão — como Bráulio Pedroso — tentaram mudar o jogo, mas não conseguiram. Pedroso, com seu **Beto Rockefeller**, a história de um “bicão”, um brasileiro esperto que enganava todo mundo, conseguiu sucesso, mas só na primeira vez, e ainda assim obrigado a terminar a história com uma espécie de punição ao personagem principal, em nome da moral e dos bons costumes. **Beto Rockefeller** foi a revolução na forma da telenovela. Uma linguagem nova, descontração, estudo de temas sociais, muito humor. Nas telenovelas seguintes, entretanto — como **O Bofe**, **O Cafona** e outras —, perdeu audiência e acabou desistindo do gênero.

Hoje, dedicando-se a outras atividades, Bráulio Pedroso diz que abandonou as telenovelas porque o público queria dois partidos, um bom e um mau, para poder torcer — como no futebol — o que ele se recusou a fazer. Nas suas novelas não havia heróis — mas anti-heróis — e os bons podiam ser ocasionalmente maus, ou vice-versa.



Num jogo de perfídia e amor, Carlos Zara e Eva Wilma em **Mulheres de Areia**. Rodada em Itanhaém.



Odorico Paraguassu é o prefeito de **Sucupira** na novela **O Bem Amado**, do dramaturgo Dias Gomes.



Em **Beto Rockefeller**, tentativa de linguagem nova e estudo de temas sociais. O esforço parou.